

Prefácio à edição brasileira

Prof. Dr. David Calderoni¹

Somos todos pessoas flutuando ao redor do mundo. Encontramos uns aos outros, mas nunca chegamos realmente a nos conhecer. Este pungente testemunho anônimo deixado numa parede por um trabalhador migrante sintetiza um dos mais emblemáticos dramas da era do *precariado*, cuja formação o economista inglês Guy Standing analisa com vasta erudição e notável clareza, informadas por muitos anos dedicados à Organização Internacional do Trabalho, à docência e à pesquisa universitárias internacionais e à Rede Mundial de Renda Básica, da qual é fundador e copresidente.

O autor circunscreve o campo diagnóstico e prognóstico em grande arco histórico e geopolítico, dando a ver que a globalização precarizante, desencadeada sob o influxo da terceira revolução industrial, do neoliberalismo e da superexploração de populações da Ásia, desmantela o que os gregos inventaram nos primórdios da democracia como o cerne humanizante do trabalho: o vínculo interno entre *praxis* e *philia*, constitutivo do autorreconhecimento dos cidadãos como homens livremente associados nas construções da amizade cívica. Ao propor maneiras de reconstruí-la em todo o mundo, Guy Standing torna preciosa, necessária e urgente a obra *O precariado: a nova classe perigosa*.

O caráter democrático deste livro já se deixa apreender no modo como o autor equaciona a definição do precariado. Apoiando-se em categorias consagradas, atualiza suas significações mediante sucessivas diferenciações baseadas em dados sociais, históricos, políticos, psicológicos e econômicos, oferecidos passo a passo ao leitor.

¹ Idealizador do Nupsi-USP e da Coleção Invenções Democráticas.

É assim que o vemos desenvolver a questão da natureza categorial do precariado em diálogo com as duas grandes referências na tradição das ciências sociais: “Convencionalmente, os sociólogos pensam tendo em vista as formas de estratificação de Max Weber – classe e status [...]”. Ou, em passagem anterior: “Podemos afirmar que o precariado é uma *classe-em-formação*, se não ainda uma *classe-para-si*, no sentido marxista do termo”.

Segundo o meu entendimento da perspectiva do autor, tanto *classe* (referente à posição nos processos de trabalho e nos modos de produção) como *status* (que correlaciona ocupações a hierarquias socioeconômicas e simbólicas) constituem categorias que implicam relações variáveis de confiança para com o Estado e o capital, sobredeterminadas por formas e graus de acesso direto e indireto à *renda social*, objeto da justiça distributiva (política salarial, securitária e previdenciária) e dos arranjos institucionais conexos (sindicatos, leis trabalhistas, direitos sociais) praticados após a Segunda Guerra Mundial sob o influxo dos Estados de Bem-Estar Social (Welfare States), caracterizados por políticas de proteção social da classe trabalhadora. Mas, num quadro histórico determinado pela derrocada do Welfare State, Standing observa que:

Em qualquer caso, a divisão entre mão de obra remunerada [*wage labour*] e empregado assalariado [*salaried employee*], e as ideias de ocupação, se dissolve quando consideramos o precariado. [...] Sem um poder de barganha baseado em relações de confiança e sem poder usufruir de garantias em troca de subordinação, o precariado é *sui generis* em termos de classe. Ele também tem uma posição de status peculiar, não se encaixando em alto status profissional ou em atividades artesanais de médio status. Uma forma de explicar isso é dizendo que o precariado tem “status truncado” [*truncated status*]. E, como veremos, a sua estrutura de “renda social” não se mapeia perfeitamente conforme velhas noções de classe ou ocupação.

Como psicanalista e cidadão contraposto à opressão laboral de centenas de milhões de seres humanos em largas porções do planeta, gostaria de sugerir a ideia de que a amizade política é inviabilizada não apenas intersubjetivamente, mas também intrapsiquicamente, na medida em que o truncamento de status e a correlativa perda de identidade ocupacional torpedeiam o cerne da autoestima, a saber, a relativa integridade íntima que é construída ao longo do processo individual e social pelo qual respondemos aos dois desafios psicossociais fundamentais que a problemática do

precariado agudiza e transversaliza, por envolver a globalização de relações de produção e distribuição da insegurança e da incerteza: a necessidade de amparo e a necessidade de identidade.

Diante de obra tão seminal, que nos incita a distinguir entre pleno emprego e bem-estar no trabalho, concluo estas palavras preliminares com um sentimento de missão cumprida e de “mãos à obra”. Senti-me no dever de batalhar pela publicação e de me engajar na divulgação deste trabalho desde o primeiro instante em que o conheci, quando organizei o I Seminário Intersetorial Nupsi-USP, *As invenções democráticas diante dos desafios do precariado: o encontro da Renda Básica com a Economia Solidária*, memorável evento que reuniu Guy Standing, Eduardo Suplicy e Paul Singer na Faculdade de Saúde Pública da USP em junho de 2012. A parceria com a Autêntica Editora permitiu que em apenas quatorze meses lançássemos esta versão brasileira, com a presença do autor, no II Colóquio Internacional Nupsi-USP, *Invenções democráticas: construções da felicidade*, no qual procuraremos, com acadêmicos de oito países, sedimentar alianças entre modos democrático-cooperativos de construir conhecimento em parceria com comunidades desassistidas e em prol delas. Isso combina com a composição heterogênea do precariado tal como aqui postulada, a qual congrega migrantes e minorias vulnerabilizados e superexplorados, membros da classe trabalhadora destituídos das garantias de emprego e indivíduos cuja qualificação universitária não encontra trabalho condigno.

Agosto de 2013.